

O dia que nunca deveria ter existido

No dia 6 de maio, antevéspera do Dia das Mães, estava eu escrevendo minha crônica semanal para este jornal, quando, falando sobre minha mãe, mencionei as lembranças que tinha hoje. Depois, citei uma frase que ela havia mencionado por ocasião do falecimento de meu irmão, "Os homens deveriam decretar uma lei proibindo que um filho se fosse antes da mãe", terminando a crônica poucas linhas depois. Mal imaginava eu, entretanto, que, passados oito minutos, adentraria eu, sem o saber, no grupo dos pais que choraram a morte prematura de seu filho. Explico. Uma ligação chegava dizendo que meu filho, há poucas horas, havia sofrido um grave acidente de trabalho. Pelo choro do interlocutor, porém, eu já sabia: meu filho havia falecido. A partir de então, o trailer do que foi nossa vida juntos rebobinou-se, e ainda se rebobina, a todo momento, até agora.

Lembrei-me da dificuldade de minha falecida esposa em engravidar, bem como da felicidade que sentiu quando isso ocorreu. Prestando juntos a chegada, ela cuidava de mimos para aconchegá-lo, enquanto eu ocupava-me de angariar-lhe pertences que ostentavam o símbolo do Corinthians. Seu nascimento chegaria no final de outubro, em data coincidente com a da Reunião Anual de Psicologia, o que fez com que, ao saber da notícia, todos os meus colegas acadêmicos também a compartilhassem comigo. A porta hospitalar do quarto do meu filho? Ostentava, triunfante, a camisa do Corinthians. Dessa data seguiram-se visitas ao pediatra, banhos de sol, troca de fraldas, cuidados com assaduras, ensinamentos para engatinhar, histórias antes de dormir e mamadeiras e remédios na hora necessária. Depois, caminhõeszinhos, bolas de futebol e a escola. Livros de leitura e todos os bichinhos da Disney, com exceção do Pateta. Por que do Pateta? Por eu brincar, com ele, que o Pateta já era eu, naquela casa. Por ocasião de meu pós-doutoramento na Califórnia, quase 20 horas de voo, ele, com quase dois anos, estressado de ter ficado tanto tempo parado, ao ver-se, enfim, em solo firme, disparou a correr



JOSÉ APARECIDO DA SILVA*

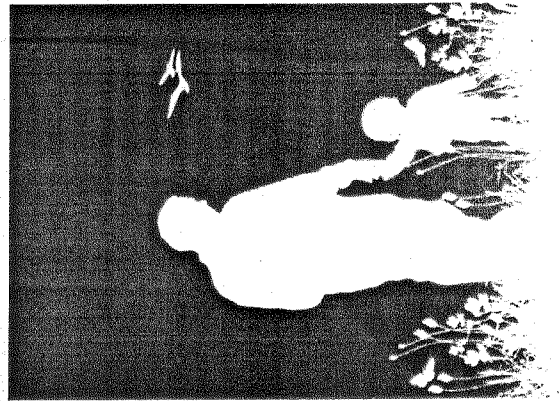
* Professor titular do Departamento de Psicologia e Educação do campus Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP)

jadsilva@usp.br

para todos os lados, arrancando-nos risos e dificuldade em contê-lo. O tempo passou.

Da rebeldia adolescente à faculdade foi muito rápido. Não era do tipo que gostasse de ser auxiliado nas dificuldades acadêmicas. Era teimoso, queria errar e acertar sozinho. Mas era uma teimosia positiva, que lhe fomentava a busca de respostas. Então a universidade. Era um sonhador. Sua opção? Optar por uma graduação que lhe trouxesse a satisfação pessoal, muito mais que a subsistência. Sorriso largo ao graduar-se. Vencera. Então o casamento, a primeira academia e as dificuldades cotidianas da vida. Há pouco tempo adentrara à Academia de Polícia Civil, atividade que lhe trouxera a atuar mais próximo de Ribeirão e, por conseguinte, da família. Dias felizes, de churrascos e piscina em casa, com a irmã e os amigos. De almoços e visitas à avó materna e aos tios, tão amados. E de trabalho. Muito trabalho. Trabalho seu, trabalho meu e de toda a família que, muitas vezes, também nos impediram de estarmos mais juntos. Então a realidade. Meu filho partira. Meu Castro Alves viera a meu socorro, "Deus, por que me abandonaste? Onde estais, que não respondes?". Também, Fernando Pessoa, pela voz de Bethânia, "Deus, mostra teu dedo, tua língua, tua face". Por que mais esta perda? Uma de minhas mais preciosas alegrias, Deus, então, me tirava. Tirava, me deixando sem saber o que fazer de mim.

Nos dias que se seguiram, atribulados, reví muitas pessoas, de amigos a conhecidos e desconhecidos. Também de outros, em viagem, ou residindo fora do país. E neste contexto febril, de novo o apoio de minha mãe. O mesmo que eu lhe reconhecera na crônica que eu fizera para seu dia, "Hoje, pra lá dos seus 80, ainda lúcida e ativa, traz o andar vagaroso e as mãos trêmulas. Mas ainda é capaz de amparar-me na infelicidade, na miséria, na desgraça, nos infortúnios diversos de minha vida. Nunca se esqueceu de mim". O que ela tem tentado me ensinar, desde então? Que eu perdoe a vida. Por ela ter permitido que ele se fosse antes de mim, sem meu consentimento. Quando? Num dia que nunca deveria ter acontecido.



FONTE TRIBUNA
DATA 14/05/16
PÁGINA A-2

FONTE ACIDADE
DATA 13/05/16
PÁGINA C-3

**48ª Temporada de
Música de Câmara 2016**

Concerto com o SIG TRIO, formado por Simone Gorete Machado (piano), Israel Cristiano Angeli (violoncelo) e Gilberto Ceranto Júnior (violino).

Solista: Igor Pichil Toledo (Clarinete).

Quando: 17/5 (terça), 20h30.

Onde: Theatro Pedro II (Rua Álvares Cabral, 370). Entrada franca. **Inf.:** (16) 3977-8111.